

# Os Pronomes Demonstrativos no Português Culto (Falado e Escrito) de São Paulo e do Rio de Janeiro

LES PRONOMS DÉMONSTRATIFS AU PORTUGAIS CULTIVÉ (PARLÉ ET ECRIT)  
DE SÃO PAULO ET DE RIO DE JANEIRO

Paulo de Tarso **GALEMBECK\***

**Resumo:** Este texto trata do emprego dos pronomes demonstrativos na língua padrão das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. A exposição divide-se em duas partes: na primeira, faz-se um breve percurso histórico da evolução dos demonstrativos do latim ao português e, para tanto, apresentam-se as formas desses pronomes no latim clássico, no latim vulgar, no português medieval e no português moderno. Ainda nesta parte discutem-se as noções de determinante e de dêixis e anáfora. Na segunda parte, discute-se o uso desses pronomes em textos falados e escritos representativos do uso culto de São Paulo e do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Língua culta. Pronomes demonstrativos. Elocução.

**Resume:** Ce texte aborde l'emploi des pronoms démonstratifs dans la langue standart des Villes de São Paulo et Rio de Janeiro. L'exposition se divise em deux parties: à la première se fait un bref parcours historique des démonstratifs du latin au portugais et, ainsi, sont présentées les formes de ces pronoms au latin classique, au latin vulgaire, au portugais archaïque et au portugais moderne. À cette section, se discutent les notions de déterminants et celles de dêixis et anaphore. La deuxième partie est dédiée à l'emploi de ces pronoms en textes parlés et écrits représentatifs du portugais standart de São Paulo et de Rio de Janeiro.

**Mots-clés:** Langue standart. Pronoms démonstratifs. Élocution.

---

\* Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). É professor adjunto da Universidade Estadual de Londrina (UEL), alocado no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas. Contato: ptgal@uel.br.

## Introdução

A indagação que conduziu à elaboração deste texto é a seguinte: o sistema tripartite de demonstrativos português (*este, esse, aquele*) herdado do latim mantém-se vivo no português falado no Brasil? Em outros termos: como os demonstrativos são usados no português brasileiro?

Para responder a essas indagações, este trabalho divide-se em duas partes principais. Na primeira, faz-se um breve percurso histórico da evolução dos demonstrativos do latim ao português e, para tanto, apresentam-se as formas desses pronomes no latim clássico, no latim vulgar, no português medieval e no português moderno. Ainda nesta parte, discutem-se as noções de determinantes e de dêixis e anáfora. Na segunda parte, discute-se o emprego desses pronomes em textos falados e escritos representativos do uso culto de São Paulo e Rio de Janeiro.

Os textos falados de São Paulo são representados pelos inquéritos nº 161, 208, 234, 250, pertencentes ao corpus do Projeto NURC/SP e publicados em Urbano e Preti (1988) e os do Rio de Janeiro são os inquéritos 084, 135, 317, 328. Esses oito inquéritos pertencem ao tipo DID (diálogo entre informante e documentador ou entrevistas).

Os textos escritos são representados por matérias extraídas dos jornais “O Estado de S. Paulo” (junho de 2011), “Folha de S. Paulo” (julho de 2011) e “O Globo”, do Rio de Janeiro (novembro de 2011). De cada jornal foram extraídos vinte e cinco textos, distribuídos equitativamente entre as seguintes seções: editoriais (E), economia (C), política (P), noticiário geral (faits-divers) (N) e esportes (S). Essas matérias são identificadas por siglas que indicam o nome do jornal e a seção (EE-2; FN-4; GC-3).

Pode-se argüir a distância temporal de mais de trinta anos entre os textos falados (gravados na década de 1970) e os escritos. No entanto, a observação deixa de ter pertinência, ao se levar em conta que a evolução linguística é lenta: na história das línguas, o século é a unidade mínima de periodização.

## 1 Breve História dos Demonstrativos Portugueses

Faria (1958, p. 134 e ss.) afirma que, em latim, eram três os pronomes caracteristicamente usados como demonstrativos correspondentes às três pessoas gramaticais:

1ª pessoa: *hic, haec, hoc.*

2ª pessoa: *iste, ista, istud*

3ª pessoa: *ille, illa, illud.*

A esse respeito, Besselaar (1960, p. 301) acrescenta que a referência estabelecida por esses pronomes não se restringe ao sentido local, mas também se estende à esfera temporal e até à mental.

Faria (1958, p. 134 e ss.) menciona três outros pronomes, que não constituem propriamente demonstrativos:

*is, ea, id*, empregado como anafórico ou catafórico;

*ipse, ipsa, ipsum*, utilizado com valor de reforço ou identidade;

*idem, eadem, idem*, também empregado com valor de identidade.

Besselaar (1960, p. 301) denomina esses pronomes determinativos.

Maurer (1959, p. 109 e ss.) assinala que o latim vulgar conservou o sistema ternário do latim clássico, porém reorganizou esse sistema, que ficou assim estabelecido:

1ª pessoa: com o desaparecimento de *hic*, **iste** ocupou o seu lugar.

2ª pessoa: com o deslocamento de *iste* para a primeira pessoa, a casa aberta foi preenchida pelo determinativo de identidade *ipse*.

3ª pessoa: conservou-se a forma *ille*.

Ao lado das formas citadas, havia os demonstrativos reforçados, formados com a anteposição da partícula epidítica *ecce* (ou *eccu(m)*), a qual também apresenta a variante *accu*, possivelmente resultante do cruzamento entre *eccu* e *atque*:

1ª pessoa: *eccu'iste* ou *accu'iste*

2ª pessoa: *eccu'ipse* ou *accu'ipse*

3ª pessoa: *eccu'ille* ou *accu'ille*

Trata-se de formas antigas e de amplo emprego no latim vulgar, conforme atesta a sua presença generalizada nas línguas românicas, inclusive no romeno. Dado o amplo emprego dessas formas, o português medieval conservou as duas séries de demonstrativos (NUNES, 1919, p. 245 e ss.):

**Série simples**

1ª pessoa	este
2ª pessoa	esse
3ª pessoa	—

**Série reforçada**

aqueste
aquesse
aquele

A simetria só não é completa, pelo fato de não haver forma simples na terceira pessoa. Isso ocorre porque *ele* (< *ille*) já em época antiga difundiu-se através da România como pronome pessoal da terceira pessoa, o que, segundo Maurer (1959, p. 105), constitui a maior inovação entre os pronomes dessa classe.

Em todo caso, a simetria mantém-se nas formas neutras, que apresentam duas séries completas:

	<b>Série simples</b>	<b>Série reforçada</b>
1ª pessoa	istu (d) > isto	accu'ist(d) > aqesto > aquisto
2ª pessoa	ipsu(m) > esso > isso	accu'ipsu(m) > aquesse > aquisso
3ª pessoa	illu(m) > elo > ilo > lo	accu'illu(d) > aquilo > aquilo

No início da época clássica, houve uma simplificação acentuada no quadro dos demonstrativos: desapareceram as formas reforçadas *aqueste/aquisto*, *aquesse/aquisso*, assim como a forma neutra simples *ilo (lo)*.

No português moderno, os demonstrativos mantêm a divisão tripartite herdada do latim:

- 1ª pessoa: este/isto
- 2ª pessoa: esse/isso
- 3ª pessoa: aquele/aquilo

Cunha e Cintra (2001, p. 328 e ss.) mencionam, para os demonstrativos, os empregos dêitico e anafórico. No primeiro, situa-se a pessoa ou a coisa designada no tempo e no espaço, em referência às pessoas gramaticais, ao passo que a função anafórica consiste em lembrar ao ouvinte o que foi dito ou o que se vai mencionar.

Os mesmos autores (2001, p. 328 e ss.) citam os valores básicos do emprego dêitico dos demonstrativos:

- 1º - *Este, esta, isto*: indicam o que está perto da pessoa que fala ou o tempo presente em relação a essa pessoa.
- 2º - *Esse, essa, isso*: referem-se ao que está perto da pessoa a quem se fala ou o tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.
- 3º - *Aquele, aquela, aquilo*: denotam o que está afastado tanto da pessoa que fala, como da pessoa a quem se fala, ou, no caso do tempo, uma época vaga ou remota.

Quanto à função anafórica, *esse, essa, isso* remetem para o que foi dito, ou referem-se às palavras do nosso interlocutor, enquanto *este, esta, isto* antecipa o que vai ser enunciado. Acrescente-se que os citados autores não empregam o termo corrente *catafórico*, para designar o demonstrativo que antecipa ou anuncia o que vai ser dito.

Na sequência da exposição, estudar-se-á o emprego do demonstrativo em inquéritos representativos da fala culta de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, com a finalidade de verificar se a divisão tripartite herdada do latim conserva-se no português falado no Brasil. Do mesmo modo, será observada a existência de empregos diferenciados dos referidos pronomes, decorrentes das particularidades da enunciação falada.

## 2 Formas da Referência dos Demonstrativos

Carvalho (1970, p. 209 e ss.) menciona, entre as formas de significação gramatical, a significação dêitica ou mostrativa, a qual é realizada por certas formas linguísticas que apontam para um objeto situado no contexto real ou extraverbal, ou para aquilo que já foi ou vai mencionado no contexto verbal. São duas, pois, as formas de referência: a situacional e a textual, as quais são designadas por Halliday e Hasan (1976, p. 33) exófora e endófora. Esclareça-se, porém, que esses termos não são correntes, e a maioria dos autores que tratam desse assunto empregam dêixis para designar referência situacional, e anáfora para a referência textual.

Essas duas formas de referência não se opõem, mas se complementam: ambas participam igualmente da construção dos objetos textuais, por meio do uso de elementos lexicais e gramaticais, dentre os quais se salientam os pronomes demonstrativos, os pronomes pessoais e possessivos de terceira pessoa. As considerações anteriores, porém, não impedem que a dêixis seja considerada a forma básica ou inicial de referência. Halliday e Hasan (1976,

p. 32) justificam essa postulação com base na continuidade lógica existente entre os atos de nomear (referir-se a algo independentemente da situação), de referir-se a algo presente na situação e de retomar algo já mencionado no cotexto.

Ainda a respeito da prioridade da função dêitica, cabe lembrar que, em latim, os pronomes demonstrativos eram essencialmente dêíticos, e havia mesmo um programa especializado na referência textual (*is, ea, id*).

A tabela a seguir expõe os usos dêíticos e anafórico dos demonstrativos. Ressalve-se que devido ao pequeno número de catafóricos, as ocorrências de anáfora incluem as de catáfora.

**Tabela I – Textos Falados – São Paulo**

Inq.	161/SP		208/SP		235/SP		250/SP		TOTAL	
	N	%	N	%		N	%	N	N	%
<b>D</b>	09	36	05	17		03	15	13	30	22
<b>A</b>	16	64	25	83		24	85	44	109	78

**Tabela II - Textos Falados – Rio de Janeiro**

Inq.	84/RJ		135/RJ		317/RJ		328/RJ		TOTAL	
	N	%	N	%		N	%	N	N	%
<b>D</b>	13	23	34	27	18	37	17	25	85	28
<b>A</b>	44	77	92	72	31	63	49	75	216	72

**Tabela III– Textos Escritos – São Paulo**

	E		P		N		C		S		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>D</b>	02	08	01	06	02	12	01	06	03	12	09	11
<b>A</b>	24	92	17	94	14	88	16	94	22	88	71	89

- E – editoriais
- P – política
- N – noticiário geral
- C – economia
- S – esporte

**Tabela IV– Textos Escritos – Rio de Janeiro**

	E		P		N		C		S		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>D</b>	03	20	00	0	01	10	02	18	03	20	09	14
<b>A</b>	13	80	09	100	09	90	10	82	16	82	57	86

E – editoriais

P – política

N – noticiário geral

C – economia

S – esporte

Verifica-se, nos textos que constituem o *cópus*, um amplo predomínio do uso anafórico e isso constitui um desvio da função original dos demonstrativos. Se se considera a função dêitica como prioritária dentro do processo de referência, observa-se que, no uso atual do português culto, ocorre uma variante em relação à função básica dos demonstrativos. Ora, esse fato não é aleatório, e na língua falada, é devido principalmente às condições de produção: nela os interlocutores estão copresentes e a construção do enunciado revela as marcas da interação que se desencadeia entre os participantes (CASTILHO, 1998, p. 16). Um dos traços que evidenciam essa copresença são as repetições, as paráfrases e as expressões anafóricas (gramaticais ou lexicais), todas empregadas como forma de garantir a criação e a manutenção de um espaço comum partilhado pelos interlocutores. Os elementos anafóricos participam de forma dinâmica da criação desse espaço comum, pois retomam os referentes textuais e o próprio *cotexto* e a eles acrescentam novas informações. Em outros termos, o dinamismo da anáfora decorre do fato de ela estar ligada à expansão do tópico e à construção dos referentes textuais.

Nos textos escritos, a porcentagem de pronomes dêiticos é ainda menor, pois neles a única forma de referência dêitica é a temporal, efetuada pelos pronomes *esse* e *este*. Esse fato ocorre porque neles não há referências aos participantes do ato discursivo e as indicações de lugar são feitas de modo explícito, efetuada por expressões nominais.

Em outro texto (CASTILHO, 1993, p. 139), o citado autor menciona o fato de que são necessárias condições especiais para que ocorra a ostensão (referência à situação imediata), mas essas condições nem sempre são preenchidas nas entrevistas do Projeto NURC ou nos textos jornalísticos.

A relevância do emprego anafórico dos demonstrativos advém do seu amplo emprego nessa função. Justifica o que foi dito o uso desses pronomes com antecedentes nominais (*esse* + nome) ou contextuais (*isso*). Aliás, o emprego de *isso* com antecedente cotextual constitui uma particularidade da enunciação falada, e também justifica o grande número de demonstrativos com valor anafórico.

### 3 Emprego Anafórico dos Demonstrativos

Em 94% das ocorrências de demonstrativos anafóricos figuram os pronomes *esse* e *isso*, motivo pelo qual apenas eles serão considerados nesta exposição. A baixa frequência dos demais impede considerações mais consistentes a respeito deles.

O uso mais frequente desses pronomes como anafóricos é o emprego de *isso* com antecedente cotextual, correspondente a 72% das ocorrências.

Vejam-se os exemplos:

- (01) Doc.: ... uhn uhn... quando você não come em casa onde você costuma comer e o que você costuma comer?  
Inf.: *isso aí* é um bocado difícil de responder viu?... porque eu detesto comer comidas:... de restaurante (...)  
(NURC/SP, 235, l. 39-42).
- (02) Doc.: (...) quando compraram a fazenda já tinha essa casa... aí mandaram construir essa que nós moramos... quer dizer... é recente... é moderna ... *isso* presume-se agora que seja do tempo em que... dos escravos...  
(NURC/RJ, 84, l. 382-385).
- (03) Laudos (...) afirmam que o vídeo e o documento podem ter sido adulterados. Não apontam, porém, indícios que *isso* tenha ocorrido. (FE-1).

Em exemplos análogos aos anteriores, o cotexto passa a constituir um novo referente, que poderá constituir o tema de enunciados subsequentes. Ocorre o encapsulamento de informações contidas no cotexto anterior e, por meio dessa operação, o cotexto transforma-se em objeto de discurso (KOCH, 2004, p. 70).

Esse procedimento de encapsulamento e introdução de um novo referente também é efetuado por uma locução formada por um nome genérico antecedido pelo pronome *esse*:

- (04) Inf.: (...) o banco empresta... por sessenta dias... já te desconta... pelo menos uns cinco por cento (...) mas num momento de aperto o indivíduo pode fazer *esse negócio* (...)  
(NURC/SP, 250, l. 451-456).
- (05) Doc.: (...) o que vai acontecer... geralmente é feito pelo estrangeiros... que não desconfia do comportamento do carioca ou do brasileiro... e o carioca... então... fica o negócio mais engraçado do mundo e *esse tipo* de experiência eu tive assim no metrô do Rio de Janeiro (...)  
(NURC/RJ, 135, l. 739-743).
- (06) (O editorial trata da modernização da máquina "administrativa". A experiência tem sido pouco animadora *nesse campo*, especialmente nas últimas três décadas (EE-2).
- (07) Os países com a economia mais sólida e mais estabilizada relutam no auxílio a ser concedido à Grécia pois sabem que medidas *dessa natureza* só se tornam eficazes se forem adotadas medidas impopulares, como o ajuste fiscal e a adoção de gastos públicos.  
(GE-4)

Essas ocorrências, embora significativas, são pouco numerosas, pois correspondem a apenas 27 dos 407 exemplos de *esse* ou *isso* empregados como anafóricos.

Outro exemplo relevante do emprego anafórico de *esse* são as expressões formadas pelo citado pronome e a repetição de um termo já mencionado no cotexto (anáfora nominal):

- (08) Inf.: posteriormente (em) mil novecentos e trinta e nove... meu pai:... pegou *uma menina* para criar... filha de japoneses... então:... *essa menina* hoje está com:: trinta e cinco anos... professora primária e:: advogada... residente em Santos (...)  
(NURC/SP, 208, l. 17-21).

- (09) Doc.: (...) eu acho que ainda há uns homens que se rebuscam no vestir... ainda há... alguns... acredito (...) eu ainda acredito que haja... a gente vê aí... na televisão... *esses homens*" combinam tudo... ... camisa (...)  
(NURC/RJ, 317, l. 378-385).
- (10) *A participação feminina* atual nessa elite gerencial está ligeiramente abaixo da contabilizada no final do governo Lula (...). Agora como antes *essa participação* não chega à metade da verificada no funcionalismo como um todo (EP-2).
- (11) O desempenho dos quatro clubes cariocas é notável, pois os quatro têm chances reais de conquistar o título e classificarem-se para a Libertadores. *Esse desempenho*, aliás, reforça o acerto das medidas tomadas pela FERJ [a federação de futebol do RJ] visando a fortalecer o futebol do Estado. (GS-1)

Nos exemplos citados, a repetição anafórica está ligada à expansão do tópico discursivo em andamento. No ex. 08, o informante retoma o referente para explicitar quem era a menina adotada e o que ela fazia na época da entrevista. Já no ex. 09, a informante enuncia uma verificação acerca dos homens que se vestem com apuro. No ex. 10, a expansão ao tópico refere-se à participação das mulheres em cargos de relevo e no 11, o bom desempenho dos clubes é atribuído às medidas tomadas pela Federação. Trata-se – reitere-se – da retomada do referente, e a ela se associa a expansão do tópico, e, por tabela, a criação de um comum partilhado pelos interlocutores.

Foram encontradas no corpúsculo apenas sete ocorrências de expressões com valor anafórico e antecedente nominal, formadas por *esse* + nome genérico:

- (12) Doc.: o pato ao tucupi... eles põem uma erva... põem uma farinha misturada com água e servem como se fosse uma sopa e o pato cozido ali dentro... mas não gostei... e uma coisa:... *essa coisa* é muito forte...  
(NURC/RJ, 328, l. 155-159).

O valor dessas expressões não difere daquelas já mencionadas, formadas por repetições.

O que foi dito significa que a relação anafórica não deve ser considerada de forma esquemática, como uma simples relação binária entre dois termos. Trata-se, ao contrário, de um processo ligado à construção do texto, sobretudo à construção do tópico, e isso fica claro quando se consideram os casos de introdução de novos referentes (anáfora contextual) e à retomada de referentes já citados e à expansão do tópico em andamento (anáfora nominal).

#### 4 Uso Catafórico dos Demonstrativos

Foram registradas apenas dez ocorrências de demonstrativos empregados como catafóricos, todas elas encontradas em textos falados. Esse total corresponde a 5% dos casos em que os demonstrativos figuram como elementos de correferência textual. Do mesmo modo, verifica-se que *esse/isso* são as formas empregadas nessa função:

- (13) Inf.: O que uma peça precisa... pra ela... a/atingir o público é *isso*... ela precisa ter é:: precisa focar a realidade da vida (...)  
(NURC/SP, 161, l. 492-494).
- (14) (O informante trata da evolução da Humanidade).  
Inf.: Então o que acontece é *isso*: o que acontece é que essas épocas estão evoluindo... antigamente quando eu nasci... para se ir até a Europa... tinha que se ir de:: navio e levava-se no mínimo... quinze dias (...)  
(NURC/SP, l. 356-359).
- (15) Doc.: bem... as compras... eu faço *desse modo*... eu normalmente... no princípio do mês faço uma compra grande (...)  
(NURC/RJ, 84, l. 635-637).

O padrão recorrente dos catafóricos presentes no *cópus* está exemplificado nos exemplos anteriores: *esse* + nome genérico ou *isso*. Não foram localizados exemplos de *este/isto* ou *aquela/aquilo* com esse valor, fato que mostra o afastamento do uso falado culto em relação às prescrições da gramática normativa. Com efeito, a gramática determina o uso de *este/isto* com essa função, o que não é observado pelos falantes cultos.

Os catafóricos possuem um nítido valor interacional, pois antecipam e chamam a atenção para o que será dito.

## **5 Balanço do Uso dos Demonstrativos como Elementos de Correferência Textual**

O exame dos pronomes demonstrativos empregados como anafóricos ou catafóricos revela a funcionalidade da elocução falada e escrita, pois ambos os usos selecionam as mesmas formas (*esse/isso*). Essa seleção não é fortuita, pois esses pronomes cumprem a mesma função como articuladores textuais, à medida que instauram o contexto como um novo referente (anáfora cotextual) ou permitem a expansão do tópico em andamento. Esse emprego, ademais, tem um nítido papel interacional, visível no fato de esses pronomes participarem da criação e manutenção do contexto comum partilhado entre interlocutores ou entre o jornalista e o leitor.

O emprego dos citados pronomes constitui uma marca da centralidade do componente interacional nas várias formas de elocução, tema discutido por Eggins e Slade (1997, p. 48 e ss.). Com efeito, a criação do contexto comum partilhado pelos interlocutores ocorre durante o processo interacional, a partir das relações que se estabelecem entre os participantes. No caso da entrevista, gênero em que há papéis marcados, o entrevistado busca revelar-se competente para tratar dos temas indicados e criar o contexto sociocognitivo comum.

## **6 Uso Dêitico dos Demonstrativos**

A dêixis consiste na referência aos participantes da interação (dêixis de pessoa), à situação (dêixis de tempo) e ao momento da enunciação (dêixis de lugar). Entre essas três formas de referência, ocupa o papel central a dêixis de pessoa, uma vez que as indicações de lugar (*aqui, ali, lá*) e de tempo (*agora, antes, depois*) são definidas a partir dos participantes da interação.

Os pronomes *esse* e *aquele* assumem papéis diferenciados na indicação dêitica: *esse* indica aquilo que se situa no âmbito dos interlocutores (sobretudo do locutor) ou um afastamento moderado, ao passo que *aquele* remete ao que está fora do eixo falante-ouvinte ou um afastamento mais acentuado no tempo ou no espaço.

Confiram-se alguns exemplos representativos do emprego de *aquela*. Os exemplos são todos da língua falada, pois esse pronome tem baixa representatividade nos textos escritos.

a) Afastamento no espaço:

- (16) (o autor fala da viagem a Salvador).  
Inf.: (...) é:: estivemos... em todas *aquelas* igrejas todos aqueles passeios (...)  
(NURC/SP, I. 261-262).
- (17) Doc.: (...) o inverno daqui é uma brincadeira... você põe um casaco ... um negócio assim... acabou... não tem... não chega a ter um frio assim... a não ser no Rio Grande do Sul ...a. que aí esfria mesmo... lá *naqueles* ... *pampas* faz muito frio (...)  
(NURC/RJ, 135, I. 132-137).

b) Afastamento no tempo:

- (18) (o informante trata de uma indenização trabalhista).  
Inf.: (...) recebemos integralmente... com o dinheiro desvalorizado... naquele tempo não havia correção monetária (...)  
(NURC/SP, 250, I. 182-184).
- (19) (A informante fala de sua adolescência.)  
Doc.: (...) *naquele tempo*... eles usavam... por exemplo... meia combinava com... a camisa né?  
(NURC/RJ, 317, I. 666-667).

c) Algo que, genericamente, situa-se fora do eixo falante-ouvinte:

- (20) Inf.: (...) eu:: já vi muita peça de teatro... em que:: a técnica deu muita mancada (...) e nem por isso o espetáculo perdeu... o seu conteúdo... porque o artista soube aproveitar... *aquela* cena (...)  
(NURC/SP, 161, I. 335-340).

Essa mesma ideia de afastamento também é verificada nos casos em que *aquele* pode ser substituído pelo artigo definido, porém é empregado com o valor estilístico de rejeição ou repúdio:

- (21) Inf.: (...) o teatro amador já ENtra... na hora que abre levanta o pano... já está com *aquela* definição (...)  
(NURC/SP, 161, l. 104-106).
- (22) Doc.: (...) hoje em dia até estou preferindo uma piscina do que praia... *aquela areia* me chateia (...)  
(NURC/RJ, 317, l. 20-21).

No ex. 21, o informante sinaliza que não concorda com a atitude de certas pessoas em relação ao texto amador, ao passo que no ex. 22 o demonstrativo reforça o repúdio de rejeição em relação à areia.

São expostos, a seguir, alguns exemplos representativos dos empregos de *esse* como dêitico:

a) Proximidade no tempo ou no espaço:

- (23) Inf.: (...) *nesses dias*... parece que São Pedro está de mal... com o paulistas... então TODO *esses fins de semana* tem chovido (...)  
(NURC/SP, 161, l. 837-839).
- (24) (O informante faz alusões a um terremoto ocorrido algumas semanas antes da entrevista.)  
Doc.: (...) voltando a *esse terremoto* da Guatemala... a *esse problema* da Guatemala (...) me preocupo mais é com a situação política da Guatemala... que me parece que é um terremoto permanente (...)  
(NURC/RJ, 135, l. 347-351).
- (25) A decisão reforça a impressão de que o tempo, no Brasil, é inimigo do combate às corrupção. *Nesse sete meses*, quase nada foi feito. (FE-1)

- (26) *Nesses últimos meses*, vários morros foram ocupados pelas Forças Armadas e a Polícia Militar e as operações tiveram êxito. Mas os resultados só se tornarão concretos se houver investimento nas áreas sociais. (GP-3).

Nos textos jornalísticos, predomina, na referência ao tempo próximo, o pronome este:

- (27) Mais 100 cidades foram, então incorporadas à lista das 1.063 que seriam conectadas em 2011, elevando a meta *deste ano* para 1.163 municípios. (EE-1)

b) Afastamento moderado no tempo.

- (28) (A informante faz referência à dieta que acaba de encerrar).  
Inf.: *Nesse tempo do regime...* e/evitei alimentos... ca-lóricos... gordurosos e agora:: continuo a evitar...  
(NURC/SP, 235, I. 15-17).

- (29) *Nessa última semana*, a Consultora do teatro [Teatro de Dança, de São Paulo] e 4 dos 14 funcionários foram demitidos. (FN-2).

- (30) *Nesse período* de abril a junho, várias medidas disciplinadoras foram tomadas pelo maestro, Roberto Minczuk e elas desagradaram vários integrantes. (GN-3).

c) Referência ao contexto sociocognitivo comum compartilhado pelos interlocutores:

- (31) Inf.: (...) frango pra mim são *esses frangos* comprados em supermercados que a gente compra os pedacinhos certinho que a gente gosta né?  
(NURC/SP, 235, I. 156-158).

- (32) Inf.: Mas::... preenchidas *essas condições legais...* esse fundo... esse fundo de *garantia* justamente assegura... ao empregado... um certo ressarcimento (...)  
(NURC/SP, 250, I. 123-125).

- (33) Mas *essa violência* que espalhou pelos morros decorre da convivência de certos governos populistas com o crime organizado. (GE-1).

O exame do emprego dêitico dos demonstrativos revela a mesma funcionalidade já citada no uso anafórico. Justifica o que foi dito o fato de os informantes separarem, de forma nítida, aquilo que se situa no eixo da interlocução do que lhe é externo.

A essa separação corresponde o emprego de *esse/isso* oposto a *aquela/aquilo*, e essa divisão vai além da proximidade física ou temporal, pois se relaciona antes àquilo que diz respeito ao espaço sociocognitivo comum partilhado pelos interlocutores em contraposição ao que não pertence a esse espaço.

### Comentários Conclusivos

O percurso histórico dos demonstrativos e o uso na língua culta contemporânea mostra que essa classe de pronomes vem sofrendo reestruturações sucessivas, marcadas pelo abandono de certas formas, a introdução de novas formas e o acréscimo de novos usos. Verifica-se, assim, o desaparecimento de *hic*, o surgimento e o desaparecimento das formas reforçadas, a introdução de *ipse* como demonstrativo de segunda pessoa. Quanto ao uso, cabe apontar o incremento do emprego anafórico (representado por *esse/isso*) e, no uso dêitico, a substituição do sistema ternário (*este, esse, aquele*) pelo sistema binário.

Essa reestruturação no plano do uso não é aleatória, pois tem motivação funcional e decorre do ato de que, nos textos analisados, ocorre a necessidade de criar e expandir o espaço comum partilhado pelos interlocutores e, ao mesmo tempo, delimitar esse espaço em face do que lhe é externo.

### Referências

BESSELAAR, José Van Der. *Propylaeum latinum*. v. I – Síntese Latina Superior. São Paulo: Herder, 1960.

CALLOU, Dinah; LOPES, Célia Regina (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*. Materiais para o seu estudo. v. II – Diálogo entre

informante e documentador. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ), 1993.

CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da linguagem*. Natureza de fenômeno lingüístico e a análise das línguas. Tomo I. Coimbra: Atlântida, 1970.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 3 - As abordagens. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

EGGINS, Suzanne; SLADE, Diana. *Analysing casual conversation*. London and Washington: Cassel, 1997.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

HALLIDAY, Michael Alexander Kerkwood; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

NUNES, José Joaquim. *Gramática histórica portuguesa*. (fonética-morfologia). Lisboa: Clássica, 1918.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson (Orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Materiais para o seu estudo. v. III – Diálogos entre informante e documentador. São Paulo: T. A. Queiroz, FAPESP, 1988.